

# ACADÊMICO

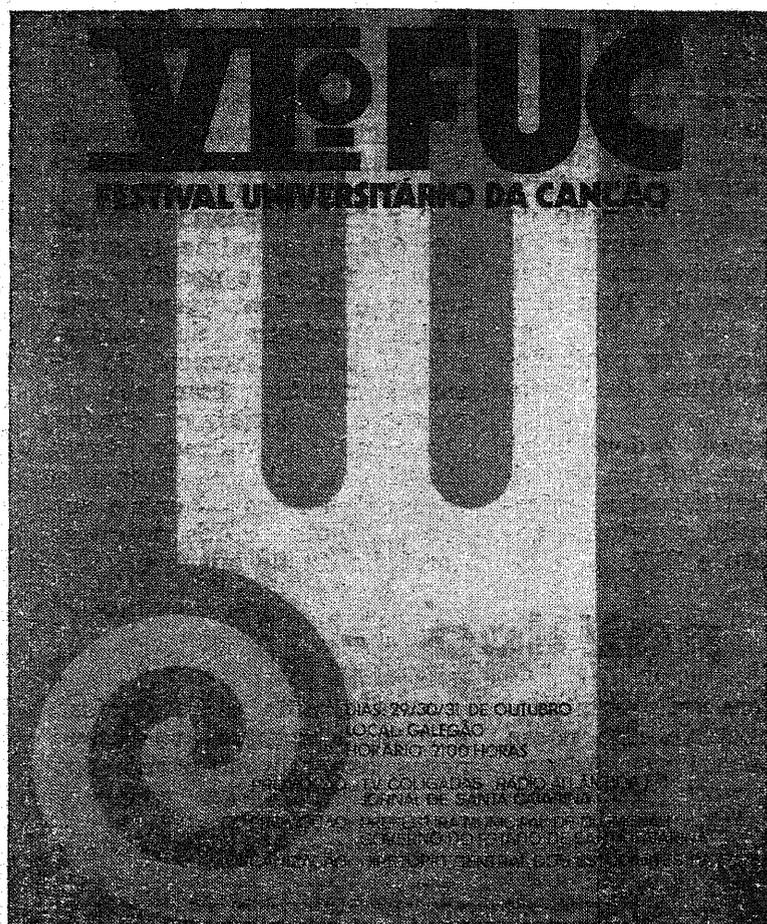
**jornal catarinense de opinião**  
EM CO-EDIÇÃO COM AS FORÇAS OSCURAS DO IDEALISMO

ANO VII \* Nº 57 \* Ago/Setembro-81 - Blumenau - SC CR\$ 20,00

Rodolfo Konder  
ex-exilado — um  
depoimento  
para o "pasca"

A política  
partidária e  
outros mas...

Congresso  
Nacional de  
Escritores será  
em Fpolis.



O Festival Universitário da Canção - Nível Nacional - é a principal ocorrência neste mês de outubro. A comunidade universitária aguarda com ansiedade o momento de vibrar com suas músicas, maiores detalhes na página 7 onde se encontram uma nominata contendo as 32 canções clas-

sificadas para disputar este ano o VIº FUC. O evento conta com o apoio de muitas indústrias de Blumenau, entre elas: Sufabril, Pemar Malhas, Tabacos Blumenau, Cia. Hering, também, a Prefeitura Municipal de Blumenau, Furb, Tv Coligadas, Jornal de Sta. Catarina, Rádio Atlântida FM e Rádio Blumenau.

## DIA NACIONAL DE LUTAS



Em Blumenau — O Dia Nacional de Lutas foi comemorado em frente a Matriz com discurso e a participação maciça do povo. Na fotografia, vê-se alguns políticos, entre eles: Luiz Cechinel (PP-Itajaí), o candidato a prefeito por Blumenau, João Manoel de Borba (PMDB-Blumenau), Pedro Ivo Campos (PMDB-Joinville) e Paulo Bayer, na presidência do Diretório Reigonal do PMDB em Blumenau. Página 3

UM BATE-PAPO COM:

# MALCOLM SILVERMANN

FICÇÃO BRASILEIRA EM ANTOLOGIA NORTE-AMERICANA

## ACADÊMICO

Empresa Editora Jornal Acadêmico Ltda.  
 Rua Amazonas, 1128  
 Caixa Postal 1124  
 98.100 - Blumenau - SC  
 CGC - 83.949397/0001-63  
 Junta Com. - 42200451 - 40  
 Registrado no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

\*

O jornal ACADÊMICO foi fundado em 1975 (6 de junho), premiado pela Parker Pen do Brasil com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker aos melhores informativos universitários em todo o território nacional. O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades Brasileiras e mesmo, em algumas Estrangeiras. Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Bolívia, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil

\*

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e opiniões, para isso está com as entradas abertas.

\*

Diretor e editor-responsável  
**Oldemar Olsen Jr.**

\*

Redação

**José Endoenga Martins**  
**Maria Odete Onório**  
**Roberto Diniz Saut e**  
**Oldemar Olsen Jr.**

\*

Os conceitos e idéias emitidos em matérias assinadas não expressam, necessariamente, a opinião do Jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

\*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da "Fundação Casa Dr. Blumenau - Santa Catarina.

## O que falta na engenharia?

Questões básicas que estão influenciando na funcionalidade da Faculdade de Engenharia da FURB e algumas propostas de solução.

Por: **Luiz Carlos Gulias Cabral**, professor de Resistências dos Materiais I e Chefe do Departamento de Ciências das Construções

— Alterações constantes no currículo, gerando insegurança no meio estudantil e atrasos e confusão na área administrativa. Urge definir, através de uma política interdepartamental, o currículo da Faculdade para que as alterações posteriores à essa definição sejam de ordem funcional e não estrutural.

— A inexistência de política departamental para captação de recursos financeiros, tendo como consequência a inoperância dos próprios Departamentos.

— A inconsistência da política para aperfeiçoamento do corpo docente.

— A inclusão, na vida acadêmica, fundamentalmente das atividades de ensino, aparecendo em menor grau aqueles de pesquisa e extensão.

— A integração entre as atividades de ensino e pesquisa não parece estar se processando de modo ideal.

— Os departamentos não

estão apresentando o que potencialmente podem render. Urge uma avaliação de suas potencialidades e atividades objetivando a dinamização das mesmas.

— Há que se definir prioridades nos objetivos a serem alcançados pela Faculdade. Temos que promover um balanço crítico dos cursos fornecidos pela Faculdade e, baseados nesse balanço, traçarmos um plano de trabalho visando lançar no mercado profissional adequados às necessidades do mesmo.

— Entendemos como sendo de alta relevância a participação, no ensino de Engenharia, de profissionais competentes que possam trazer à Instituição suas experiências na solução de problemas da comunidade em que vivem. Não se pode deixar de reconhecer, no entanto, que é impossível atender com êxito os objetivos de integração do ensino, sem um número razoável de docentes em regime de tempo integral. Pois, sem a dedicação destes, todas as vantagens de se ter profissionais competentes desaparecem.

— Desejamos o desenvolvimento de uma política administrativa participativa, calçada na consulta constante aos Departamento e IPT.

## Folclore político - I

Esta estória contada por de quando em vez, com problemas financeiros não passa aí que o vereador Rodolfo Sestrem (ex-ARENA, quase PDS, agora cristão-novo peemedebista, provável candidato a deputado estadual) anda,

de quando em vez, com problemas financeiros não passa de pura e simplória fofoca. Um leitor atento e constante, além d'inteligente, é que nos alertou para a evidência.

— A família toda, riquíssima! Basta atentar pro sobrenome, concluiu entusiasmado:

— Afinal, eles possuem "seis trens"!

(Gervásio Tessaleno Luz)

### ADVOCACIA

OSNI JOSÉ LENZI  
 JAIR GIRARDI

e

Rua X Vde Novembro  
 Ed. Itaçú 1º andar  
 — Ao lado da Habitasul —

### TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

Impressos em geral  
 Seção especializada em  
 Rótulos Autoadesivos e  
 Etiquetas de Nylon Estampadas  
 para Confecções, Papelaria,  
 Artigos para Escolares, Desenho,  
 Escritório e Engenharia.

Rua XV de Novembro, 819  
 C.P. 31 - 89.100 - Blumenau - SC.

### BOTEQUIM DA VILA

Responsável  
**Horácio Braun**

Vila Nova  
 Ao lado do Lyra

### BARRACÃO

Responsável  
**Pedro Cascaes**

Rua Antônio da Veiga,  
 ex-transportadora Mayer

### MAU-MAU

Responsável

**Carlos Maurino Campos**  
 R. XV de Novembro, 393

### ACADÊMICO

Edições atrasadas podem ser conseguidas em nossa Redação pela fábula de Cr\$ 20,00 cada.

# COLUNÃO

UM COMPROMISSO MAIOR COM A VERDADE

## VIANNA — AMIGO DA COMUNIDADE

O Prefeito Renato de Mello Vianna acaba de receber o prêmio "Amigo da Comunidade" — láurea esta patrocinada pela RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) entregue as pessoas que mais se destacaram no estado de Sta. Catarina por atividades prestadas a coletividade no ano de 1981.

## BORBA — O DISCURSO POPULAR

João Manoel de Borba (falando no Dia Nacional de Lutas) diante de centenas de ouvintes, mostrou que conhece e fala a mesma linguagem do povo. Tal empatia, paralelamente, a um trabalho que vem se desenvolvendo a nível de bairros, o coloca como o mais sério postulante ao cargo sucessório na Prefeitura Municipal de Blumenau — versão 82.

## JSC — DEZ ANOS

No dia 22 de setembro o Jornal de Sta. Catarina comemorou 10 ANOS de existência. Na oportunidade, além de muitos eventos a nível popular (teatro, música, concursos, etc.) foi realizada uma retrospectiva dos últimos 10 anos (política, social, esportiva) da participação do JSC na cobertura destes eventos — uma grande idéia e um trabalho bem feito.

## POLÍTICA UNIVERSITÁRIA

Como acontece todos os anos, quando se aproxima a época de eleições, um sem número de chapas são formadas, muitas conspirações no âmbito da cantina, um sensível aumento do consumo de cerveja, um aumento do índice de fofocas e ficamos sabendo até onde vai o "idealismo" interesseiro de muitos incompetentes — que até quebram portas com pontapés — seria melhor dizer: coices... são "quadrúpedes bipedes" (quer dizer, cavalgam sobre si próprios).

## TV COLIGADAS

A emissora de Blumenau (sob controle gaúcho vem trazendo importantes informações na área de reportagens, pondo a verdade e o bem estar coletivo acima dos interesses individuais, denunciando sempre e marcando pontos. Tortura de menores, ganho ilícito e até estelionato... voltaremos a carga...

## ALEGRIA SAMBA SHOW

O conjunto de samba (único no gênero) na Alemanha Brasileira, dando espetáculos gratuitos para o Lar dos Meninos e Asilo de Velhos.

Uma iniciativa brilhante e desinteressada que mostra do que é capaz a iniciativa voluntária dando conforto e alegrando pessoas que, por circunstâncias alheias, estão marginalizadas... exemplo que deve ser imitado.

## CONVITAÇÃO

A Câmara Júnior de Blumenau convida a redação do "pasca" para prestigiar o evento (XXVIII Convenção Nacional de Câmaras Júnios do Brasil) a ser realizado no Bela Vista Country Club com a presença de Wilson Hoenke, Mercio Felsky, Celso Garcia, João Luiz Póvoa, Norberto Mette e Valmor Sofiati.

## JÂNIO QUADROS NO PMDB

O grande "rebu" causado pela ameaça do sr. Jânio Quadros (ex-presidente do Brasil) de entrar no PMDB tem revelado o quanto ainda estão despreparados - alguns políticos - (desconhecendo até as determinações do partido) no que concerne ao ingresso de qualquer pessoa na agremiação. De certa forma, estão superestimando JQ.

Assim, só quem sentiu na carne uma discriminação pode falar dela, ficamos com o ex-governador de pernambuco, Miguel Arraes — que já foi boicotado, banido e sabe o que isso representa...

# O Dia Nacional de Lutas

A 1ª CONCLAT (Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras) decidiu criar o seu dia de luta. Em Blumenau, este dia foi comemorado em frente a Igreja Matriz com a participação de centenas de pessoas, na condição de ouvintes — enquanto líderes políticos de partidos da oposição, falaram das necessidades básicas da classe trabalhadora e da crise pela qual o país atravessa. Entre os oradores, destacamos a figura de Pedro Ivo Campos (PMDB-Joinville), João Manoel de Borba (PMDB-Blumenau), João Luiz Bernardes (PT-Blumenau), Luis Antônio Cechinel (PP - Itajaí) e Luiz Carlos Cabral (PDT-Blumenau).

A participação universitária, novamente, foi insignificante e, restrita àqueles lugares comuns que estamos cansados de tolerar.

Nos dias em que atencederam ao encontro, uma circular foi distribuída a população ocontendo veementes apelos, transcrevemos alguns:

A crise que o País atravessa, criada pela inflação, corrupção e desmandos administrativos do governo, faz cair sobre os ombros dos trabalhadores os sacrifícios maiores. O desemprego, o alto custo de vida e os baixos salários estão a criar uma situação insuportável para o trabalhador brasileiro.

Em Santa Catarina a situação não é diferetne

Os trabalhadores também estão sendo despedidos em Blumenau. O índice de produtividade exigido pelas empresas está acima da capacidade normal do trabalhador. Os salários estão cada vez mais achatados.

Ao mesmo tempo, há inúmeros trabalhadores do campo que, por falta de preços justos e de financiamentos com baixas taxas de juros para a sua produção procuram as fábricas para solucionar os problemas de sua sobrevivência.

Por isso, os trabalhadores da cidade e do campo, sentiram a necessidade de se organizar e discutir nacionalmente. O primeiro grande passo foi dado com a realização da 1ª. Conclat em São Paulo.

Nesse dia o trabalhador brasileiro manifesta-se publicamente em defesa de suas reivindicações mais sentidas: Contra o desemprego, a carestia, o pacote previdenciário, pela reforma agrária, direito à moradia, liberdade e autonomia sindical, pelas liberdades democráticas, pela formação da cut (Central Única dos Trabalhadores).

Neste sentido, a 1ª. Conclat elegeu uma comissão de 54 sindicalistas; que em Brasília, nesse 1º de outubro entregou ao governo as reivindicações dos trabalhadores para solucionar os seus principais problemas.

## Palácio Alvorada: Centro Turístico?

O deputado Juarez Furtado — PMDB-SC, dispõe através de projeto de lei a transferência ao governo do Distrito Federal, para fins de exploração turística, a posse do Palácio da Alvorada, localizado em Brasília e que sabe-se hoje, que aquele imóvel, apesar de constituir um símbolo de arquitetura nacional, internacionalmente conhecido encontra-se ocioso, já que, após o advento da revolução de 1964, somente o Presidente Médici o utilizou por apenas vinte e quatro horas e o último a residir lá foi o presidente Castello Branco.

Interditado, há inúmeros anos à visitação pública, em que pese às insistentes solicitações formuladas pelas entidades turísticas, no sentido de facultar sua visita aos turistas que demandam a capi-

tal federal nada mais justo e certo, afirma o parlamentar, que a exploração turística seja feita e que fique a cargo de órgão designado pelo Governo do Distrito Federal e que o produto da arrecadação destine-se a programa assistencial beneficiando larga faixa marginalizada existente no Distrito Federal, em suas cidades satélites.

Possue duas finalidades o projeto do deputado catarinense. Pretende primeiro: transformar o palácio da Alvorada em fonte de recursos para o erário, já que, hoje, constitui apenas manutenção de mordomias e de permanente despesas para o poder público. Segundo: A renda auferida pela exploração turística poderá favorecer programa social específico.

## DEPOIMENTO

## RODOLFO KONDER

Rodolfo Konder, autor de "Cadeia para os Mortos" — que teve uma edição portuguesa sob o título "A Ascensão dos Generais", "Sob o Comando das Trevas" e "Tempo de Ameaça" (autobiografia política de um exilado), deixou um breve depoimento sobre sua vida, "empurrada pela política", sobre as perseguições que, como outros companheiros de ofício, sofreu durante os registros mais duros, em que a repressão mutilava, matava, deportava os que se opunham às suas tenazes. Nele, o jornalista, tornado escritor pelo exílio político, fala do ofício de escrever, pensando no escritor brasileiro de hoje como uma testemunha essencial, "porque é impossível escrever, no Brasil ou na América Latina deste final de século, sem molhar a pena numa realidade que nos agride, que nos fere". Para Rodolfo Konder, os escritores são os "historiadores de uma pré-história latino-americana: "Nesta terra dominada pelos mortos e pela morte, somos os porta-vozes da vida".

Minha vida tem sido, sob certos aspectos, empurrada pela política. Até 1964, eu era funcionário da Petrobrás, tendo sido eleito para um cargo de direção sindical. Vivíamos uma fase difícil, mas de euforia — uma euforia nacionalista e bem intencionada — nos anos que precederam a queda do governo João Goulart. Perseguido, acuado, refugiei-me na embaixada do México, em seguida ao golpe de 1964. Era o começo do meu primeiro exílio: México e, depois Uruguai.

Ao retornar ao Brasil pela fronteira, numa operação de capa e espada, eu era um homem sem profissão. Então, fiz algumas reportagens para A Notícia, nos bairros da periferia do Rio de Janeiro, onde vivi até os 30 anos de idade. Fui redator e chefe de redação da agência Reuters, editor internacional de O Paiz, além de fazer trabalhos de tradução (livros e artigos) para a Civilização Brasileira. Em dezembro de 1968, o AI-5 me

empurrou para São Paulo. O Paiz, sob pressão, falia; o clima político no Rio era péssimo. Fui trabalhar como redator da revista Realidade, onde fiquei dois anos, lado a lado com grandes profissionais como Luis Lobo, Milton Coelho, José Hamilton Ribeiro, o dramaturgo Jorge Andrade, Maurício Azedo, Judith Patarra, Marco Antônio Rocha, Dante Matiusi, Antônio Prado, José Carlos Marão e Henrique Coutinho, entre outros.

A partir de 1971, vivi a experiência fascinante de transformar a revista Visão numa das publicações mais combativas e lúcidas deste país. Sob o comando de Antônio Pimenta Neves, uma equipe extremamente ativa, com Vladimir Herzog, Zuenir Ventura, Marco Antônio Rocha, Antônio Prado, Paulo Francis (correspondente em Nova Iorque), Luis Weis e outros, fez da revista uma trincheira de combate pela democracia. O ex-ministro da Comunicação Social, Saíd Farhat, então dono de Visão, jamais se opôs a isso.

Farhat vendeu a revista a Henry Maksoud, houve mudanças, e uma tempestade desabou sobre minha cabeça, em 1975. Preso, torturado, ameaçado de morte, perdi meu emprego como professor universitário e como apresentador de um programa semanal de televisão. No início de 1976, fugi do país, para começar um segundo exílio, na Argentina, Peru, Canadá e Estados Unidos. Foram três anos de ausência. Mas a experiência, às vezes dolorosa, às vezes agradável, sempre útil, marcou uma etapa importante na minha vida — e na minha transformação pessoal. Empurrado pelo exílio político, tornei-me escritor.

Meus três livros publicados até agora foram escritos no exterior: **Cadeia Para os Mortos** e **Comando das Trevas** no exílio canadense, em Montreal, às margens do Rio São Lourenço, numa ilha gelada, a 30 graus abaixo de zero.

Rodolfo Konder, quando de sua última visita a Blumenau, deixou-nos importante depoimento que, tendo em vista a

sua importância e a propósito de sua participação (como membro do Júri do VIº FUC) este ano, republicamos.

**Tempo de Ameaça** foi preparado em Nova Iorque, na Rua 60, entre as avenidas Lexington e Park.

Nos três livros, aparecem as angústias de alguém que sempre se envolveu em política, sempre se indignou diante das injustiças sociais e sempre pagou um preço alto por combater os poderosos e os privilegiados. Em **Cadeia Para os Mortos** e **Tempo de Ameaça**, além das cicatrizes da prisão e da tortura, aparecem os temores de uma fuga difícil, a viagem pela América Latina, os medos e as perplexidades de quem se sente, frequentemente, como personagem das antigas tragédias gregas — empurrado por forças desconhecidas e incontroláveis para um destino trágico.

Em **Comando das Trevas**, escolhi uma linguagem alegórica, por acreditar que isso me daria mais liberdade para trabalhar com imagens e palavras, num tom que se aproxima da poesia em prosa. Com esta opção, pretendi ampliar os horizontes estéticos da experiência anterior. Pretendi transmitir emoções bem mais profundas, de forma mais aberta.

O denominador comum entre os três livros é a presença da violência contra o ser humano, a tortura, a bestialidade com que a repressão trata as pessoas. Em **Cadeia Para os Mortos**, isso aparece em mais de um conto. No primeiro deles, **Ascensão dos Generais**, o problema assume a forma de um relato cru, direto, que conta o que se passou comigo nos subterrâneos do regime, em 1975. O conto **Mocassins Pretos** fala da morte do jornalista Vladimir Herzog, na cela ao lado.

Saí da prisão com o suor da tortura, do medo e do desencanto impregnando meus ossos. Nos ouvidos, levava os gritos de muitos homens e de muitas mulheres. Berros de dor, de animais em desespero. Humilhado e ofendido, eu precisava recompor as fiações rompidas, dentro de mim. Precisava me repor de pé, me

refazer. Tinha os músculos rasgados, as artérias esgarçadas, os nervos triturados. Então, levado a um refúgio canadense, numa cidade tranquila, que é uma ilha de flor e neve, esquilos e pássaros coloridos, comecei a escrever. Naquele momento, escrever era repor no lugar as peças arrancadas.

Penso no escritor brasileiro de hoje como uma testemunha essencial, porque é impossível escrever, no Brasil ou na América Latina deste final de século, sem molhar a pena numa realidade que nos agride, que nos fere. Falando dessa realidade — de maneira direta ou indireta, ou mesmo tentando fugir dela — somos os historiadores de uma pré-história latino-americana. Nesta terra dominada pelos mortos e pela morte, somos os porta-vozes da vida.

Não acredito em qualquer tipo de receita para os artistas, para quem escreve, pinta, compõe. Cada artista deve buscar os rumos da sua própria arte. Quaisquer que sejam estes rumos, porém, acho que ele estará desempenhando, inevitavelmente, um papel social, porque, quem escreve, por exemplo, escreve para que outros o leiam, escreve para transmitir emoções, anseios, descobertas. Se as emoções são reais, genuínas, o escritor estará contribuindo para ampliar os espaços da liberdade humana, para enriquecer a aventura do homem. Isso é tudo — e é muito.

Hoje, sou editor da revista **Nova**, onde trabalho desde que cheguei do segundo exílio, em agosto de 1978. Defensor convicto do socialismo democrático, combato qualquer forma de ditadura, seja ela exercida em nome da burguesia, seja em nome do proletariado. Acredito num futuro democrático para os homens, numa sociedade mais frugal e solidária, como acredito na libertação da mulher, no amor entre as pessoas, na defesa da ecologia, das minorias e das espécies em extinção. Como a dos jornalistas, por exemplo.

# &BOCÃO

## A GLOBO E O REVERENDO MOON

De repente, não mais que de repente, sem que ninguém tivesse pedido ou solicitado a Globo tomou-se de brios moralizadores e desencadeou uma onda, sem precedentes, contra uma seita insignificante em todos os sentidos e que deseja ter no Brasil uma comunidade atuante. No intuito de bem informar a opinião pública (eta, coisinha duvidosa) a Vênus Platinada e Televisiva andou caçando, em todos os lugares, casas, prédios os suspeitos seguidores do coreano Moon. Fez mais, invadiu casas, lares, reuniões, devassou famílias com o atrevimento de maquininhas, microfones escondidos e repórteres atrevidos. Fez mais ainda. Com esta vontade duvidosa de revelar as entranhas de uma seita supostamente perniciososa, a Globo incitou pessoas em algumas cidades a apedrejarem sedes e seguidores do coreano Moon.

Ora para mim a culpa de tudo isto que está acontecendo com a seita do Moon é culpa pura e simplesmente da Globo. O pretexto de que se promove a lavagem cerebral, o comércio de doces e balas, o aliciamento de menores e de que houve queixas de pais é um pretexto muito fraco para a Globo dedicar tanta imagem e palavra contra uma seita de cuja existência o brasileiro preocupado com problemas mais imediatos, não desconfiava.

Ora Globo, por que não denunciar a lavagem cerebral que existe na Igreja Católica, o Comércio que corre pelas Igrejas de Confissão Luterana, e o aliciamento de menores que faz o dia-a-dia da maioria das seitas religiosas existentes no Brasil?

Por que a Globo não mexe com a Igreja Católica? Claro ela não é burra. A Igreja católica tem mais poder que a Globo. Agora, mexer com as minorias é mais fácil. né. Além do mais, existem coisas mais importantes para a Globo denunciar, coisas mais importantes para o povo. Nenhum brasileiro está seriamente interessado em saber se a seita do reverendo Moon

vai dominar ou destruir a terra. Não me parece a coisa mais relevante num país onde o povo morre de fome, morre de desemprego e morre de pouca participação nos destinos do País.

Em resumo, no que diz respeito à seita do Reverendo Moon e as depredações e perseguições que ainda está enfrentando, a Globo está promovendo a desordem pública. Aqui em Santa Catarina. A TV Catarinense deu a mesma mancada para demonstrar bom serviço e passar atestado de bom comportamento à Mãezona, A Globo.

(José Endoença Martins).

## IIº ENCONTRO DA MULHER CATARINENSE

Hoje nós mulheres já levantamos bandeiras dentro da política nacional, realizamos encontros, concentrações, nos organismos para denunciar as descrições que somos vítimas e todas as injustiças sociais que nosso povo sofre. Hoje a mulher continua oprimida pelo sistema vigente, vemos isso no elevado índice de prostituição, abandono a maternidade e infância, repressão à trabalhadora gestante etc.. Mesmo assim a mulher luta e ocupa um lugar destacado na vida econômica e política do país. Em Santa Catarina realizamos o Iº Encontro da Mulher Catarinense em agosto de 1980 em Itajaí, onde compareceram mais de 500 mulheres. Nesse encontro foi criada uma comissão para coordenar a continuidade do trabalho iniciado. Em Blumenau a coordenadora Dorotéa Lessa informa que o IIº Encontro da Mulher Catarinense será na Cidade de Chapecó, dia 25 de outubro.

Neste segundo encontro serão discutidos os seguintes temas: A mulher como força de transformação na sociedade brasileira, Carestia e Inflação, Creches para os filhos da mulher trabalhadora, Saúde e Habitação.

(Dorotéa Lessa)

Informações sobre o II Encontro Tel: 22-7422.

## ODORES À PARTE, UM APARTE

Ex-vereador (novamente no mesmo cargo), ex-deputado estadual, Manuel Victor Gonçalves, o "Piranha", reuniu em torno de seu nome um anedotário de causar inveja a muita velha raposa política. Uma historinha que corre pela ai: na luta para obter votos, o candidato da Fortaleza (um dos redutos eleitores da oposição em Blumenau) prestou (e presta) muitos serviços aos mais necessitados. A ponto de recolher material para exame de fezes. Na entrega do resultado, aquinhoa os examinados com farta quantidade de amostras grátis de remédios. Quando alguém flagrava o Piranha portando as latinhas, fazia-lhe a clássica pergunta de curioso: — o que contém? E ele, na maior naturalidade, respondia com a palavrinha de cinco mal cheirosas letras: m...!

Diante do exposto, concluiu-se que, se por um lado, Manuel Victor Gonçalves não se notabilizar por incursões condoreiras no campo da oratória, por outro merecerá integralmente a denominação que Stanislaw Ponte Preta dava aos políticos folclóricos: DEPUFEDE...

(Gervásio Tessaleno Luz)

## MÚMIA FALANTE

Para quem acompanha com atenção e há longos anos o desenrolar da vida brasileira, chega a provocar estarrecimento a importância que vem sendo dada a essa figura exdrúxula e quixotesca que é Jânio Quadros. Esse fato, — guardadas as exceções da regra, — parece confirmar a máxima por ele próprio tão repetida de que o povo tem memória curta.

Esse cidadão, depois de engabelar o povo brasileiro com suas caspas artificiais e seu linguajar gongórico, conseguiu se eleger Presidente da República pela Oposição. Lutando contra tudo, obteve esmagadora maioria de votos até então inédita nos anais da história nacional.

Assumiu o cargo, em consequência, como depositário das mais acalentadas esperanças de um povo secularmente maltratado. Um povo que respirou aliviado, crente de que uma nova era se iniciava, quando a vassoura da moralidade percorria a administração e seus mais grados exponents eram orientados à base de bilhetes que marcaram época.

Mas qual não foi o espanto de toda a gente quando esse cidadão, numa manhã cinzenta, renuncia à Presidência que não era dele, mas do povo, toma um navio para a Europa e deixa seus patricios entregues às urtigas e sem lhes dar qualquer satisfação. Mais tarde, premido pela opinião pública, buscou nas "forças ocultas" (sic) a explicação esfarrapada para essa atitude de fujão. Sua ausência repentina, naquele momento histórico, provocou todo o rol-sário de crises posteriores, pelo qual é o maior e principal responsável.

Depois de longos anos alternados os confortáveis "refúgios" do Guarujá, Londres, Estados Unidos, etc., enquanto tantos dos que o elegeram (inclusive Carlos Lacerda) purgavam as consequências, quer ele a todo custo voltar à cena, contando para isso com o desconhecimento de uns e a raposice de outros. Procura de todas as formas ressuscitar. Mas não haverá de conseguir. Mas não haverá de conseguir enquanto houver alguém de boa memória para denunciá-lo como autêntica múmia falante.

Enéas Athanázio

## FOLCLORE POLÍTICA (II)

Interior de Minas Gerais, segundo consta. Pastagem interminável pros colecionadores d'anedotas folclóricas. Um candidato a vereador, pelo Partido Comunista Brasileiro, numa daquelas cidades perdidas no mapa, espaço, tempo e "ad infinitum", paisagem ideal prum confronto entre o padre Dom Camilo e o prefeito comuna Dom Pepone, saiu-se com esse modelo de lapidares e eruditos conhecimentos.

Depois das pesquisas eleitorais (naquela época inexistiam felizmente os íbopes" da vida), viu que seu baque tava devidamente anotado na caixa registradora.

Em tom solene e pomposo, do alto do palanque, "pitonizou" sua vitória, com essa argumentação:

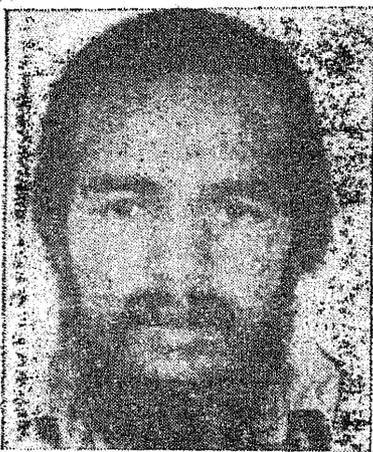
— Eu devo ser eleito. Todos me apóiam, inclusive o Papa (referia-se a João XXIII, da Encíclica "Mater et Magistra").

Avermelhado, pôs ponto final na sua campanha:

— Ele mesmo, o papa, disse:

— "Mater et Magistra", minha mãe é comunista!

(Gervásio Tessaleno Luz)



José Endoença Martins

# Cães & Gatos

## As coronárias das urnas de 82

Segundona de chuva farta. Chovia desde meia-noite de domingo. A cidade, as casas, os carros, as pessoas, os escolares, tudo que se movia ou não estava encharcado. No "Mau-Mau", o deserto das segundas de chuva. graúda. Cadeiras e mesas ainda por ajeitar, nove da manhã, José Endoença Martins e eu num papinho regado a coca, num cantinho, escondidos.

Eu que puxei a conversa.

— O nosso Joãozinho/81 enfartou.

— Pois é, enfartou, menino. Que pena e que medo. Temo pelo João e pela abertura dele.

— Dizem que foi o Rio de Janeiro.

— Como assim? Não saquei.

— Elemetar, meu caro José Endoença Martins. Muitas bombas pipocaram por lá, não foi? Na OAB, na Câmara de Vereadores, na Tribuna da Imprensa, no Rio Centro. Coisa prá demolir o coração de qualquer João, você não acha?

— Acho, sim. E o coração do nosso Joãozinho/81 não aguentou. Coitado.

— Nem o meu, nem o teu aguentariam. Implodiriam na certa. E tem mais uma coisinha; a queda do grande bruxo, tio Golba.

— Vivemos tempos de bruxos. E o tio Golba foi a gota d'água, é isto.

— Sei, sem ele a abertura do João ficou à deriva, sem seu timoneiro. Poor opening.

— E antes disto foram a imprevidência da Previdência, a Lei dos Estrangeiros e... outras sacanagens mais.

— Agorinha mesmo antes do enfarte foi a Reforma Eleitoral com distritão, domi-

cílio eleitoral e tudo. Encheu e transbordou a santa paciência do homem.

— E o coração também.

— Não deu outra. Foi como ponta de faca em olho de cego. Resultado: enfarte das coronárias presidenciais.

— Logo agora que o Joãozinho vinha dizendo coisas bonitas, coisas antológicas pro povão se babar de gozo.

— Por exemplo...

— Por exemplo em Bom Jesus da Lapa, Bahia, ele saiu com essa preciosidade... "aqui vim como humilde peregrino (em carro oficial?) para elevar minhas preces (e os preços também) ao Senhor do Bom Jesus da Lapa para pedir que continue a nos dar paciência..."

— Mas o miocárdio impacientou.

— E pifou... Olha essa aqui também... digna de nota... "dias melhores, que tenho certeza já se aproximam para esta grande pátria."

— Com esta na certa o miocárdio do pessoal de Bom Jesus voou pelos ares, não voou?

— Não sei não. Se explodiu ninguém sabe, ninguém viu, mas pelas últimas escaramuças que a vida tem pregado ao João a cotação do homem com o Bom Jesus não anda boa das pernas.

— Sei, sei. É desgraça em cima de desgraça. É a inflação que não cai, a dividona externa que não baixa, a Reunião das Nove, a fuga do Tio Golba, O IPM do Rio Centro, os sacos lacrimais presidenciais vasando, e, agora, o miocárdio empacando.

— Mas, voltemos a Bom Jesus da Lapa.

— Voltemos sim.

— Tem mais esta aqui frase de boa lavra. "a despeito de

tudo o que possa acontecer, a despeito de todas as dificuldades que possam vir por diante, o povo via falar livremente em 82".

— Só em 82 é que a gente vai poder falar livremente? E comer livremente, e pensar livremente, e andar livremente e trabalhar livremente quando é que a gente vai poder?

— Não sonhe, meu irmãozinho. Isto só quando a gente falar livremente em 82 a favor do Governo e do PDS.

— Quer dizer que para melhorar a gente tem que votar nos home?

— Claro né. Se não eles mandam a gente comer jornal (como já fizeram), tomar leite com antibiótico, saborear pastéis recheados de comida de cachorro. É isso aí, irmãozinho. Ou vota nos home, ou sofre. Taqui no discurso do homem.

— Quero ver, onde, onde?

— Lê aqui. "que o povo desta terra (Brasil) saiba compreender os erros que cometi (quantos, meu Deus), mas não me faça a injustiça de apontar pelo voto os erros que não cometi."

— Bela frase, merecia o fardão dos imortais e o chá da Academia. Mas e agora?

— Agora é aguentar a barra. Se votar contra o homem em 82 comete injustiça das brabas.

— Vão olhar a gente de lado e chamar de povo sem coração, nem coronárias.

— E se chamarem a gente de ingrato, de subversivo e comunista, o que a gente faz?

— O Seguinte: a gente pega todos os votos que a gente deu pra Oposição, aqueles

milhões de votos, e derrama tudo no leito do Presidente lá no Hospital dos Servidores.

Depois a gente olha bem no saco lacrimal do João, surripia umas bolachas e berra:

"Toma que o filho é teu".

— E se exigirem mais, mais e mais provas de gratidão?

— Então, em represália a gente pede pro Aureliano fazer deste País uma Democracia. E já, por que já se esperou demais.

— E já que estaremos numa Democracia, todo povo estará feliz, cantando Hosanas e pulando e dançando com o Aureliano (os militares com água na boca assistindo de lado).

Uma orgia democrática geral. De repente todo mundo pára a alegria geral e vai assistir os filminhos da Globo com o João no hospital.

— E no quarto do Joãozinho/81 (as coronárias presidenciais funcionando a pleno sangue) todos cantando uma marchinha de carnaval lavrada em plena primavera" É Primavera, Agosto já morreu bem com Golbery.

Com Aureliano, Democracia só 2 meses por aqui."

De repente deu meio-dia e a gente nem notou, ligados no papo. Pessoas começaram a chegar e tomar mesas desocupadas, para o lanche do meio dia. Eu e José Endoença Martins achamos que já era tempo de debandar. Debandamos em silêncio, debaixo do olhar terrível e doidamente azul de louras que mercadejam por aqui e sob o olhar causticamente verde de umas mulatas que Blumenau jamais viu nem verá.

Nem chovia mais.

# Definidas as 32 canções que vão disputar o VI FUC

Uma comissão especialmente convidada selecionou no final de semana, entre as 297 músicas inscritas (de todas as partes do Brasil) as 32 canções que irão disputar o VI Festival Universitário da Canção, a ser realizado no período de 29 a 31 de outubro próximo. Por ordem alfabética, eis a lista: A Dança do Verão (Caxias do Sul-RS), A Negra Chorou (Porto Alegre-RS), Alvo Ilusão (Rio de Janeiro-RJ), Angústia (Blumenau-SC), Boneca de Pano (Porto Alegre-RS), Botão & Festas (Florianópolis-SC), Canção Para Saber Esperar (Blumenau-SC), Canto do Lavrador (São Leopoldo-RS), Chapéu de Palha (Rio do Sul-SC), Conclusão (Florianópolis-SC), De Porteira em Porteira (Porto Alegre-RS), De Repente Ficou Tudo Engraçado (Florianópolis-SC), Desabrochar (Blumenau-SC), Despertar da América (Blumenau-SC), Encontro das Águas (Blumenau-SC), Estrela Matutina (Blumenau-SC), Ei Você Aí (Florianópolis-SC), Eu Queria (Rio de Janeiro-RJ), Filhos do Sertão (Blumenau-SC), Índio (Blumenau-SC), Iemanjá (São Leopoldo-RS), Kiriá "Coringa" (Florianópolis-SC), Mãos do Tempo (Blumenau-SC), Porta Infinita de Mim (Blumenau-SC), Rock Caipira (Blumenau-SC), Rocinha (Sergipe-SE), Século XX (Blumenau-SC), Sol da Terra (Tubarão-SC), Sonhos de Um Menino Só (Itajaí-SC), Terra Canção (Itajaí-SC), Viajante (Caxias do Sul-RS), Voar (Joinville-SC).

Durante, cerca de oito horas, a comissão composta de estudantes, elementos ligados ao meio musical, artistas e outros segmentos representativos de nossa comunidade ouviram as músicas inscritas e selecionaram estas acima mencionadas, tendo como critério (letra, música e arranjo).

Foram recusadas 8 canções (que chegaram após a seleção) e mais três por serem conhecidas (participaram de festivais anteriores).

"Não estamos divulgando os nomes destas canções, nem os elementos que fizeram parte da comissão que fez esta primeira prévia, porque haveriam problemas de terceira ordem que procuramos evitar (as palavras foram do Presidente da Comissão Organizadora, o acadêmico do curso de Economia, Antônio Ramiro Menestrina).

As músicas serão apresentadas no dia 29, 30 e 31 de outubro no Ginásio Sebastião Cruz (Galeão) a partir das 20:30 horas, sendo que 16 no primeiro dia (serão seleciona-



Antônio Ramiro Menestrina, Presidente da Comissão Organizadora do VIº Festival Universitário da Canção.

das seis) e outras 16 no segundo dia (selecionando mais seis) e, estas — em número de doze — disputarão a final do dia 31 de outubro.

"Com estas doze composições selecionadas, faremos o LP, que será gravado em Porto Alegre (com os mais modernos equipamentos que a tecnologia atual dispõe no Brasil) na Fundação ISAEC de Comunicação. Teremos um cuidado especial, procurando realizar um trabalho, o mais artístico e criterioso possível — da gravação à capa do disco e, até o momento, temos mantido profícuos contatos com os melhores profissionais no ramo isto é gratificante na medida em que o nosso próprio amadorismo dileitante está morto" (estas pa-

lavras foram ditas pelo responsável pela produção do disco, acadêmico do curso de Direito, Oldemar Olsen Jr.

Já César Trevisol Ribeiro, secretário Executivo deste VI FUC, com relação aos preparativos finais, informou que "Enviaremos — nesta semana — um recorte do jornal contendo a lista com as 32 músicas classificadas, bem como, uma correspondência de congratulação para cada classificado solicitando que compareçam no dia, para os ensaios e resolvam, também, a hospedagem, etc, para que não ocorram problemas e im-

experiência em Festivais (juntamente com Roberto Diniz Saut) que "existe agora uma oportunidade do universitário de se fazer ouvir, mas é importante que ele tenha alguma realidade para comunicar — mesmo movido por aquele idealismo — quase anacrônico, dado as contingências do dia-a-dia mas que deixa sempre e, invariavelmente, uma esperança no amanhã e tudo isto faz com que esta promoção valha a pena... nós contamos com a possibilidade desta iniciativa de forma espontânea) do estudante para o sucesso do Festival Universitário da Canção".

Roberto Diniz Saut, o último estudante a ser ouvido, Presidente da Comissão de Instalação e acadêmico do curso de Educação Física, também advogado, acredita "No grande papel de integração capaz de definir — mesmo que, por três dias apenas — uma igualdade, uma harmonia e uma rara fraternidade de jovens que se sensibilizam com pequenas coisas, mas que, por outro lado, são o verdadeiro motivo de nosso empenho para que tudo corra bem".

Esta promoção anual, conta com o apoio do Jornal de Santa Catarina, TV Coligadas, Rádio Atlântida FM — Blumenau e Rádio FM Tropical, a organização fica por conta da Comissão Central Organizadora composta por estes elementos: Antônio Ramiro Menestrina (Presidente), Roberto Diniz Saut (Instalação), Oldemar Olsen Jr. (Gravação), Jonas Neves (Som), César Trevisol Ribeiro (Secretaria Executiva), Pedro Simon (Secretaria Geral), Maria Odete Olsen (Divulgação), Maria Aparecida Machado (Júri), José Luiz Dias de Souza (Relações Públicas), Centil Edmundo Soares (Técnica-Som), Rogério Neri de Souza (Cerimonial), Carlos Müller (Protocolo) além das empresas Pemar Malhas, Tabacos Brasileiros, Fininvest, Sulfabril, Hering e Transportadora Blumenauense.

Oldemar Olsen Jr. acrescenta ainda, baseado em sua

# MALCOLM SILVERMANN



Da esquerda para a direita: Malcolm Silverman Professor de Literatura Brasileira na Universidade de San Diego (Califórnia), com os escritores Oldeimar Olsen Jr., Silveira de Souza e Salim Miguel.

## Ficção brasileira em antologia norte-americana

Malcolm Noel Silverman nasceu em New York (USA), a 18 de abril de 1946 e, tendo completado os primeiros estudos no Queen's College da City University de New York, atingiu a formação universitária na Universidade de Illinois, iniciada em 1967 e concluída em 1971, quando recebeu o grau de Ph.D. com o trabalho "An Examination of the Characters in Jorge Amado's Ciclo da Comédia Baiana".

Casado, Malcolm Silverman vem construindo notável carreira como professor e crítico literário. Sua vida gira em torno da Universidade, e nela se realiza. Dentro de uma tradição bem americana, é um scholar de primeira linha. Graduado em literatura, recebeu formação complementar nas Universidades de Barcelona e de Lisboa, voltando seus interesses principalmente para as literaturas hispano-americana e luso-brasileira.

Foi professor-assistente de Português na Universidade de

Illinois, professor-assistente de Espanhol e Português na Universidade de Kansas. Diretor do Programa de Intercâmbio Cultural entre as Universidades de Kansas e da Costa Rica, e é atualmente professor de Espanhol e Português na San Diego State University.

Silverman tem farto volume de colaborações, especialmente sobre literatura brasileira, em publicações como Romanço Notes, Revista de Letras, Brotéria, Revista Interamericana, Kentucky Romance Quarterly, Révue des Langues Vivantes, Tempo Brasileiro, Hispania e Ficção. Em 1972 recebeu, da Northwestern Massachusetts University, o prêmio para ficção do curso comemorativo do aniversário quadrissecular de Os Lusíadas.

Malcolm, que é um apaixonado pelo Brasil, se encontra no país pela décima vez, desta vez o pretexto de sua visita é a organização de uma Antologia Crítica do Moderno Conto

Brasileiro, procurando englobar a produção dos últimos 20 anos, incluindo entre os nomes já consagrados de nossas letras, os novos.

Silverman lança o segundo livro com nomes brasileiros em setembro deste ano; Josué Montello, Lygia Fagundes Telles, Sérgio Sant'Anna, João Antônio, Antonio Torres, Orígenes Lessa, Otto Lara Resende, Dinah Silveira de Queiroz, Murilo Rubião, João Ubaldo e Rubem Fonseca, entre outros. (2)

Nesta viagem que deverá durar seis semanas, Malcolm está procurando conhecer a literatura do sul e esteve contactando com escritores catarinenses, em Blumenau, Joinville e Florianópolis, depois iria para o Rio Grande do Sul com o mesmo objetivo.

Em Blumenau, esteve acompanhado pelos escritores Salim Miguel, Silveira de Souza, Oldemar Olsen Jr. e o Diretor da Biblioteca da FURB, Bráulio Maria Schloegel.

Olsen — Quais os objetivos desta tua visita ao Sul?

Malcolm — Ok. Esta visita, ou seja, a mais recente; venho aqui ao sul, com o mesmo propósito que me levou ao norte (Minas, Rio, São Paulo). Estou preparando um livro sobre o Conto Brasileiro Moderno, uma antologia crítica com exercícios gramaticais.

Acontece que nos Estados Unidos à nível universitário para um curso de português, (secundário ou superior), temos pouco material. Espero poder fazer um livro que preencha este vácuo, e não só nos Estados Unidos, mas em outras universidades, europeias e hispano-americanas.

Estou entrando em contato com velhos amigos, travando novas amizades, a maioria do pessoal são escritores e a maioria dos escritores, desta vez, são contistas.

Olsen — A tua vinda ao Brasil, desta vez, obedece algum convite ou simplesmente à espontaneidade?

Malcolm — Não. Eu não espero convite. Sempre venho aí quando consigo juntar um pouco de "grana". Estou de

**Visitando o interior (Joinville, Blumenau) que estou conhecendo de "cabo a rabo"... Eu preferia conhecer mais "rabo"... mas, (risos)...**

férias agora e desta vez nem me deram bolsa, porque lá nos Estados Unidos, existe uma verba para quem pesquisa... eles me deram a verba do verão passado, mas eu usei para reformar a casa, entendeu... (risos)... de modo que agora estou custeando tudo. Viajo de ônibus. Peguei uma passagem, bastante barata de Los Angeles-Rio e Rio-Los Angeles e aqui no Brasil, viajo de ônibus.

Olsen — Já conhecia o pessoal que escreve, aqui em Sta. Catarina?

Malcolm — Eu conhecia o Salim, ele, é claro, além de me hospedar, de servir de anfitrião e cicerone, me está ponto em contato com outros escritores de Florianópolis, aliás, foi ele quem arranjou esta visita para o interior (Joinville e Blumenau) que estou conhecendo de "cabo à rabo"... eu preferia conhecer mais "rabo"... mas, (risos)...

Olsen — Quais os teus interesses brasileiros?

Malcolm — Quando eu ainda era Primeiro, como viajei pela América comecei a estudar durante o meu período de estudos (sub-Fundação A. B. uma cátedra na Universidade que era de Nova Iorque, mo aluno livre curso já que se da América Latina começou. Depois bolsa para estudar e quando voltei dos Unidos, era ta, e minhas nhol e português altas do que em ticas, minha oficial... me fo-

cias políticas, ma o PhD em portu ratura brasileira fiz no Illinois. N o governo federal do muitas bolsas do o estudo de deradas até en ciadas, porém im tre elas o port-

leiro. Daí, até es fessores brasilei Formei-me em então, até o mo como professor. versas instituições universidades... boca muito gran que eu penso... seu xad... nha boca... San Diego estou nos acomodado, que a gente cham... com isso a g segurança, não chotar de um an e estou muito bons amigos... meia hora da fr cana é uma regi te americano, int língua, fala-se nhol que inglês. do o professor americano, ensin português, você so.

Olsen — Os liv no Brasil, organ cê, são utilizado Unidos como liv Malcolm — N zer, eu já fiz dois 1978 e o outro sa bro deste... consulta. São liv vida, utilizados literatura bras universitário. N iversidades ame

Quando começou a escrever pela literatura?

Começou quando era sub-graduado. Como calouro, eu estudei em América Central, estudei espanhol e no segundo ano (sub-graduado) a A. Benken fundou a minha universidade. Quando fui para a universidade, eu decidi pegar o curso de português e eu gostava de ler. Daí tudo mudou depois que ganhei uma bolsa para estudar em Lisboa. Depois de um ano já quartanais as notas em espanhol eram mais altas do que em ciências políticas e eu decidi tirar o curso de português, em literatura, isto que eu fiz. Naquela época a universidade estava dançada, incentivando o estudo de línguas consi-

pre tem algum programa de português e daí, algum programa de literatura brasileira. Estes cursos, digo, os livros, nestes casos, seriam de utilidade, mas são de consulta.

Analiso a obra de determinado escritor moderno, dissecar, enfim, dar uma idéia geral, introdutória, panorâmica da obra de cada escritor. Eu misturo os consagrados com os mais recentes.

Olsen — Por que a preferência pelo conto?

Malcolm — Por enquanto, estou pensando do ponto de vista didático. Para cursos lá nos Estados Unidos, o conto é

**Tenho a boca muito grande, eu falo o que penso Procura dar uma idéia geral, introdutória, panorâmica de cada escritor. Eu misturo os consagrados com os mais recentes.**

mais prático, porque o conto geralmente é curto, então, dá para o aluno ler em casa, preparar e depois conversar a respeito em aula. Você pega um romance, sabe, então fica meio difícil, porque o romance a gente leva semanas às vezes preparando e isso complica. Para qualquer tipo de ensino de literatura, a meu ver, ou você tem poesia, ou você tem conto ou pode ter teatro também. O teatro é viável para ensinar em aula. Mas esses alunos, em geral, não são superadiantados, são intermediários, de modo que você estuda menos crítica literária e usa os contos e os poemas mais como ponto de partida para puchar a conversa do aluno, entendeu, porque são cursos de línguas, de composição, de conversação, mais que de literatura.

Salim — O Malcolm, embora você já esteja com o saco cheio com a pergunta, (risos) mas seria bom repetir...

Malcolm — Ad nauseam... (risos)

Salim — Repeti-la ad nauseam, além do infectível Jorge Amado, você acha que num futuro mais ou menos próximo, haveria mercado que não fosse o meio universitário, para o escritor brasileiro, junto ao leitor médio americano?

Malcolm — Eu acho que sim. Não só pelo escritor brasileiro, mas acho que a gente poderia frasear a pergunta de uma forma mais geral, mais ampla, ou seja, acho que para

o escritor estrangeiro em geral, porque não é só o escritor brasileiro que está sendo ignorado, mas que nós, não damos o valor talvez que merece... Mas você poderia pegar a literatura dos países aí, muito ricos em literatura, ou seja: México ou até, países europeus que os Estados Unidos, acho que o maior volume de obras provém dos próprios escritores americanos, como deveria ser em qualquer país. Infelizmente, aqui a impressão que a gente tem é que não é... Acho que sim, tem que melhorar, porque não pode piorar.

Salim — Quer dizer então, que o famoso "boom" da literatura hispano-americana...

Malcolm — Boom ou bunda? ... (risos)

Salim — Boom!

Malcolm — Entendi bunda...

Salim — ... É mais um boom publicitário do que...

Malcolm — Desinflado...

Salim — Boom publicitário desinflado...

Malcolm — É, acho que um pouco exagerado. As tiragens, já falamos, são pequenas, as edições poucas, os interessados, os estudiosos e as bibliotecas e os cursos superiores... por isso, realmente, o cara médio também não tem interesse muito menos em ler a literatura estrangeira. Ele nem entende a realidade norte-americana, como é que vai entender a realidade brasileira?

Agora, escrever um livro sobre a mulata brasileira, um livro picaresco, um livro em que haja candomblé e que seja bem contado e que tenha algo de carnaval... os livros de Jorge Amado são livros ricos nisso, parte, além do bom estilo dele, que ele, quer dizer, eu não nego que ele seja um excelente escritor... isso faz muito sucesso nos Estados Unidos.

Salim — Você está pensando em conseguir uma bolsa e preparar um ensaio, um volume bastante longo sobre a sátira no Brasil, após 64?

Malcolm — Exato.

Salim — Você já...

Malcolm — Como arma de protesto.

Salim — Como arma de protesto, você já tem algumas pesquisas, além do Márcio de Souza, você já leu um livro chamado: Alegres Memórias de Um Cadáver, do Roberto Gomes?

Malcolm — Não, mas eu quero conhecer. É a primeira vez que ouvi falar.

Salim — Ele faz em cima da Universidade Federal do

Paraná, ele não diz isso claramente, mas a pessoa subentende logo, ele faz uma farsa que eu considero uma das coisas mais realistas publicadas no Brasil nos últimos tempos: Alegres Memórias De um Cadáver.

Malcolm — Deixe anotar. O livro está esgotado ou não?

Salim — Não, saiu agora.

Malcolm — Por que Editora?

Salim — Coeditora. É uma editora de escritores do Paraná.

Malcolm — Quero o endereço dele (Roberto Gomes) e você tem que me dar o endereço do Sasse (Guido Vilmar Sasse) que está no Rio de Janeiro, que eu me correspondo com eles. Estou no momento acumulando informações, apenas, não comecei a escrever.

Mas este projeto, quero publicar em inglês, por uma editora americana, universitária. Acho que haverá muitos interesses em muitos meios, por-

**Tendo dar maior destaque a literatura brasileira pré-modernista**

que a sátira abrange ainda mais do que qualquer outro tipo de ficção, digamos: história, ciências políticas, antropologia, sociologia... isto é muito bom, é um campo bastante grande.

Silveira — Neste teu curso de literatura nos Estados Unidos, a preocupação maior é pela literatura contemporânea brasileira?

Malcolm — Não, necessariamente, porque o nosso curso de literatura é muito pequeno, quer dizer, nós oferecemos em português, não oferecemos especialização em português... como em qualquer outra cidade praticamente, o português é um apêndice do espanhol, daí, todos os alunos, normalmente não chegam a especializar-se em espanhol, com interesse, digamos, colateral em português. Oferecemos quatro cursos por semestre, três são de línguas e tem uma brasileira que me ajuda. Ela também é professora. O curso de literatura que a gente oferece, ora de literatura portuguesa ora de literatura brasileira, é antológico, um curso panorâmico, a gente começa com a carta de Pero Vaz de Caminha, em 1500 e chega até a atualidade, eu tento dar mais destaques, mais

ênfase na literatura pós-modernista, porque é a que mais me interessa. Tentamos dar uma idéia geral, uma base geral. Os alunos mais interessados, depois deste curso, então, podem fazer cursos individuais comigo, que são bastantes comuns, investigação e pesquisa, que chamamos. Então, eu indico os livros e eles lêem na Biblioteca... por sinal, na Biblioteca bastante boa... e depois a gente fala sobre as leituras, uma coisa assim. Cursos mais adiantados do que um curso antológico, não temos. Outras universidades, sim, possuem programas muito bons e até produzem PHDs, só que hoje em dia, não há muitas vagas para PHDs em português, de forma que estão produzindo cada vez menos. Mas tem universidades com programas bem adiantados, a UCLE, Texas, Arizona, essas universidades são muito boas, a wisconsin.

Salim — Mas como o Brasil é uma sub-potência ainda e a importância de um país pesa muito na sua literatura...

Malcolm — Sem dúvida alguma. Escrever em português era renegar tudo ao título, alguém disso isso.

Salim — Mas ainda tem, né?

Malcolm — Muito. Muito. Acompanha o poder político, sócio-econômico, industrial, sei lá...

Salim — Olha aqui os endereços...

Olsen — Chega!

\* Na condição de professor de xadrez, eu havia dito (num bate-papo anterior à entrevista) que — por ter posto a boca no mundo — me haviam exonerado da FURB... não me sentia culpado por isso e se, me fosse dado repetir o ato, o faria com toda a segurança e firmeza de quem sabe o que faz... Daí a sua menção (de Malcolm) ao Xadrez.

(1) Entrevista, ou melhor, bate-papo com Malcolm Silvermann realizado em julho de 1980 por ocasião de outra visita ao Brasil.

(2) Acaba de sair — lançado pela Editora Civilização Brasileira — o livro: Moderna Ficção Brasileira 2, de Malcolm Silvermann com os seguintes autores: Antônio Torres, Dinah Silveira de Queiroz, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro, Josué Montello, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, Orígenes Lessa, Otto Lara Resende, Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna.

# UM MEMORIALISTA DIFERENTE

Enéas Athanázio

Quando Godofredo Rangel pela primeira vez sugeriu a Monteiro Lobato que publicasse as cartas que lhe enviara ao longo de quarenta anos, o taubateano teve um choque. É que, embora feitas sem o sentir, no correr dos dias da existência, aquelas cartas eram as suas "memórias", a sua "autobiografia", gênero literário a que votava muita desconfiança.

"Sabemos todos como são falsas, duvidosas ou apaixonadas as histórias dos homens que escrevem sua própria vida — escreveu Edgard Cavalheiro, sintetizando o pensamento de Lobato. — Nem Santo Agostinho ou Kropotkin, Rousseau ou Goethe, escaparam ao perigo das "poses", dos "gestos" para a posteridade. Aliás, o próprio autor do *Fraust* reconhecia que só ironicamente podemos falar na primeira pessoa do singular..." (1).

Ponderando, no entanto, que tais cartas não eram literatura e nelas inexistia "atitude" diante "desse monstro chamado Público", esse mesmo público que funciona, às vezes até inconscientemente, "elemento controlador" e "para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância", Lobato acedeu em publicá-las, surgindo daí os dois volumes de "A Barca de Gleyre", a única obra de que se tem notícia onde o mesmo sujeito escreve quarenta e tau-

tos-anos de cartas ao mesmo destinatário e sobre o mesmo assunto, a literatura...

Já o meu amigo Janary Messias, espírito dos mais lúcidos, costumava lembrar que se afastara do gênero "memórias" porque eram, no fundo, todas iguais. Ler uma delas — dizia — era lê-las todas "e eu ando farto de sentir as sensações de quanto figuração vê Paris pela primeira vez..." Ele próprio, no entanto, condescendia em reconhecer com honestidade (traço permanente de seu caráter) algumas exceções, nas quais não incluía aquelas tidas como "clássicas". "Os Melhores Tempos", do escritor americano John dos Passos, em especial quando ele descreve, na primeira parte, a curiosa figura do pai e, mais tarde, sua travessia dos desertos; "Confesso que Vivi", do poeta chileno Pablo Neruda, uma das vidas mais trepidantes da moderna literatura, contada com rara felicidade, e, entre nós, "Solo de Clarineta", de Érico Veríssimo, obra que o autor não teve tempo de concluir, eis aí algumas autobiografias que lia e relia sem se lamentar do tempo perdida.

Essa discussão toda em torno do gênero que tem um público dos mais vastos em todo o mundo (agora mesmo o livro de um *brazilianist* sobre Santos Dumont conquista destaque nas vendagens da Europa e dos Estados Unidos),

vem a propósito da leitura que acabo de fazer de largos trechos das memórias de Gilberto Amado (2). Embora seja um livro cujo objetivo é fornecer uma visão geral da obra desse escritor sergipanc, — memorialista, ensaísta, pensador, ficcionista, poeta e jurista, é a primeira que sobrepõe, fato que os críticos anotam como um raro paradoxo literário onde o relato uma tal força que ofusca o da própria vida traz em si restante da obra, por certo aquele em que o autor pôs o maior esforço e esperança. As páginas de memórias garantiram a Gilberto Amado a sua permanência nas letras; foi em virtude delas que ele ficou.

Como tantos escritores de valor, Gilberto Amado nasceu numa pequena vila. As letras parecem ter pelos meninos do interior uma decidida preferência. É nas vilocas pobres e melancólicas, perdidas na imensidão do nosso território (e de outros países também), que elas têm encontrado talentosos e fiéis seguidores, instalando nos jovens introvertidos e sonhadores o *virus literário*. Tal como ocorreu com Gilberto Amado que, saindo de sua pequenina Esplanada e vencendo os obices da pobreza, acabou se formando em Farmácia e Direito, conquistando a cátedra na lendária Faculdade de Direito do Recife, e mais tarde a car-

reira diplomática que o levou a longas ausências do Brasil, em missões oficiais. Autor de uma obra vasta (Homero Senna relaciona mais de vinte, diversas delas com mais de uma edição), foi acima de tudo um estilista, escrevendo com rara elegância e com a sinceridade que o levou a exclaimar que "literatura é mais do que vida porque é a vida aumentada no coração do artista." Homem espiritualoso, as suas tiradas e frases fizeram época, correndo de boca em boca. Suas aparições brilhantes nas conferências internacionais fizeram dele, — e disso ainda me lembro, — uma figura mítica, sobre a qual recaiam os olhares atentos e admirativos de quantos sonhavam com as glórias do mundo das letras.

Eis aí um escritor de leitura agradável e ilustrativa e que mereceria maior divulgação. Merece aplausos, pois, a "Seleta" organizada com tanto cuidado pelo Prof. Homero Senna.

(1) "Estas memórias", prefácio a "A Barca de Gleyre", Brasiliense, S Paulo, 1959, págs. 3 e 4.

(2) "Seleta de Gilberto Amado", organização, estudo e notas de Homero Senna, José Olympio/INL, Rio, 1974

## V Congresso Nacional de Escritores será em Florianópolis

O Vº Congresso Nacional de Escritores acontecerá em Florianópolis de 22 a 25 de outubro. A promoção é da Associação Catarinense de Escritores e União Brasileira de Escritores (seccional de São Paulo).

Segundo Pinheiro Neto, Presidente da ACEs, a Coordenação do Congresso, responsabilizar-se-á pelo almoço e jantar dos participantes (pelo menos em dois dias), também, um desconto mínimo de 30% em diárias de hotéis, além de condução gratuita pa-

ra que os participantes possam locomover-se do local base onde se realizará o Congresso, para os locais de almoço, jantar, lançamentos e outras atividades que deverão ser realizadas em locais estranhos ao do Congresso.

As passagens de ida e volta, serão por conta de cada participante.

### TEMÁRIO

V CONGRESSO NACIONAL DE ESCRITORES  
1. O Estado e a Política Cul-

tural. O escritor, a cultura e a contra cultura.

2. A Função Social do Escritor.

3. A defesa do Patrimônio Cultural.

4. A Cultura Popular.

5. Os direitos fundamentais do escritor. O escritor e a liberdade de expressão.

6. O escritor e os direitos autorais. A profissionalização. O Projeto em curso no Congresso Nacional (Brasília).

7. O escritor e a previdência social.

8. Problemas do escritor e do livro.

9. O espaço cultural nos meios de divulgação.

10. A especificidade da literatura brasileira.

11. A literatura regional.

12. O ensino da literatura.

Todos os interessados em receber maiores informações deverão enviar correspondências para a Associação Catarinense de Escritores ou Fundação Catarinense de Cultura (A/C de Liberato Manuel Pinheiro Neto) Caixa Postal D-56 — 88.000 — Florianópolis — Sta. Catarina.

(LITERATURA)

**Poesia Argentina no exílio**

Teresinka Pereira

Amor e política, política e amor são as duas combinações temáticas da poesia de Julio Cesar Mosches, poeta argentino que acaba de publicar dois livros em Jerusalém, onde vive exilado. O primeiro livro foi intitulado **Cancion para Laura**, o qual trata, segundo o próprio título e também o subtítulo indicam, de uma canção de amor ("Barcarola"), em treze cantos, que contam uma intensa estória de amor feliz que deixa uma infinita saudade a inspirar a lírica do poeta. O segundo, **A este lado del paraíso**, contém vinte e sete cantos lírico-políticos, que contam a amarga história de um exílio enfrentado com coragem e consciência revolucionária e em cuja tom sobressalta o ódio sagrado aos ditadores, imperialistas e assassinos do povo.

Aparentemente estes dois livros não oferecem muito em comum a não ser o formato, a impressão modesta e o tamanho com a mesma cor de capa. Mas, embora um contenha versos de tom dócil-amoroso e o outro seja do mais agressivo tom político, ao ler um seguido do outro, notamos: o estilo é igual, a cadência do verso é semelhante, o ritmo lírico é bem encaixado nos versos de ambos e o tema está bem contido em cada canto que forma em cada livro uma unidade perfeita.

Assim é a poesia de Julio Cesar Mosches: robusta, madura, abundantemente metafórica, nova, fresca e succulenta. Para mim que ela representa o melhor que está poetando a juventude argentina, dentro ou fora do país.

Consciente de seu ofício de poeta, de sua condição e compromisso ante a vida e ante ao ser humano, Julio Cesar Mosches abre o primeiro canto do livro **A este lado del paraíso** com uns versos que anun-

ciam o tema geral que será tratado:

"de una tarea órfica descenderá a trabajar sudorosamente con escape-lo y martillo de mi papel sacerdotal ante la Tribu me iré desterrado y solitario hacia esa Tierra de Nadie:

Depois, nos cantos dois, três, quatro cinco e seis, o poeta descreve sua peregrinação com a palavra através da lírica, denunciando as tiranias, gritando por justiça, provocando a conscientização dos leitores e dando testemunho pessoal e histórico do Apocalipse em que vivemos:

"A este lado del paraíso florecen los asesinos socios de una todo-poderosa Sociedad con un capital de 1981 años de era griega-romana-judeo-cristiana . . ." (Canto 5)

Os cantos sete, oito, nove, dez, onze e doze estão dedicados a profetizar:

"Regresamos, siempre. Somos los regresantes." (Canto 8),

a declarar: "Los hombros dibujan su destino sobre arena" (Canto 9),

a aconselhar uma busca de autenticidade que há dentro de cada pessoa:

"el Otro! que se oculta en un pozo sellado por la piedra encontrarlo en la ráfaga entre la multitud que llena el Valle de la Incomunicación, encontrarlo! . . ." (Canto 10)

Do canto treze ao vinte o cinco há uma descrição do "inferno" que representa "es-

te lado del paraíso" e a confessar uma recordação dolorosa da sua terra natal:

"Verguenza me da la mascarada de mi Argentina con sus generales" (Canto 15)

A isto seguem versos de esperança e dor, de ironia e desespero, visão de miséria, horror, fome, crueldade, raiva, ódio, enfim, um inventário total da vida e da morte:

"porque la paz no es sino la insidiosa silueta de la muerte" (Canto 23).

E o livro termina no canto vinte e sete com um saldo pessoal:

"Solo me queda el ardor de la repulsa, rechazar el Norte y el Sur, los cómodos ascensores, la turbia complicitad de los sirvientes y el clarín con que se congrega a las estatuas".

Os versos de **Canción para Laura** não são menos ardorosos. O amor é tema que encontra campo fértil na lírica de Julio Mosches, seja ele o amor humano que provoca versos de protesto político, seja o amor erótico que produz poesia sentimental. Os treze cantos para Laura são quase que como uma ladainha a liberdade, a inspiração e ao ideal. Várias vezes nos perguntamos no decorrer de sua leitura se essa Laura, mulher ideal, não seria uma metáfora para a própria poesia:

"Laura, oh encanto de pié en el rocío gota de miel que abruma todos los panales de miel en mi corazón, borracho." (Canto 1)

Embora o poeta mencione o corpo desta Laura ou apenas partes de seu corpo como

os pés, a cara, as mãos, etc. todos os versos nos quais menciona este corpo tomam um tom abstrato, artístico e religioso, como se em vez de uma mulher de carne e osso se tratasse de uma idealização como a que Beatriz foi para Dante:

"Te tendí mi mano, tú me diste la tuya. Se hicieron limpios los sueños oxidados. Felicidad." (Canto 3)

Além disso tudo, Laura representa outras coisas para o poeta: os idiomas com que fala e escreve, os lugares geográficos de seus pensamentos e suas preocupações, o presente e o passado e até a sua maturidade segundo a qual se descobre como um homem que ve o mundo de outra forma:

"Yo tomé y maduré tu rostro entre mis manos.

Entonces fué como una fiesta.

Te ofrecí los ojos con que miro el mundo" (Canto 6)

Enfim, a poesia de Julio Cesar Mosches canta a pátria e o amor, a liberdade ou o pranto e o faz utilizando metáforas de metáforas sobre metáforas. O resultado disto são os dois poemas longos que constituem os livros e que contém da mais rica e mais vanguardista lírica que qualquer outra experiência ou processo conhecido nestes últimos tempos. Mas não há pretenciosidade nem no tom lírico nem no estilo deste jovem e brilhante poeta argentino-hebreu; seu instrumento de trabalho e sua matéria é a tradicional, sua construção de verso é fácil e agradável e sua inspiração elevada como a de um verdadeiro criador.

**Crianças...**

Ao nasceres sobre a face da terra, deparas com a luz, a treva, o mar, o céu, o sol, a lua e as estrelas no firmamento...

Tua imensidão de espírito, vive em ti pela glória imensa da vida. Tua inocência, resplandesce nos olhos de teus semelhantes...

Para isso és ainda uma criança!

Mas, à medida que os tempos vão se desenvolvendo,

consciente vês o valor de viver; de amar e sofrer; sentir frio e calor; fome e fartura; alegria e tristeza; desespero e fé...

Teu corpo, teu espírito, tua alma, teu viver, são flores da vida cotidiana...

Chega os primórdios sacrificios... E, então, compreenderás a necessidade de progredires, proporcionando as exigências contemporâneas!

Surge o dia escolar... Partindo daí, varás dia-a-dia, a interminável constância de tua responsabilidade... Grande é o peso que carregas sobre teus ombros, pois toda humanidade espera de ti um futuro patriótico, na confiança de dias melhores...

Hoje assinála-se mais um dia teu! E nós nada temos, senão, render-te nossa eterna esperança e sincera

homenagem, a ti criança de nosso imenso Brasil!

HOMENAGEM DO GRUPO IRMÃOS GEREMIAS: CRICIFIOS LTDA., JOTAGE IND. DE CALÇADOS E KING'S — MARCAS E PATENTES, AO DIA DA CRIANÇA.

Blumenau-SC., 12 de outubro de 1981.

Dr. José Frontino Geremias

# Sesquicentenário da Imprensa Catarinense

Em função do sesquicentenário da imprensa catarinense, o jornal Acadêmico colheu alguns depoimentos de jornalistas radicados em nossa cidade revelando as muitas facetas de como vêem nossa realidade, estes conhecidos homens de comunicação: Aniceto Luiz Mund (diante da rea-

lidade), Danilo Gomes (compromisso com a verdade), Norton de Azambuja (o lugar da crítica), Gervásio Tessaleno Luz (um breve recado), Roberto Diinz Saut (um papel de integração) e Vilson do Nascimento (o espaço para a cultura).

## DIANTE DA REALIDADE

É indiscutível e inquestionável o papel relevante da imprensa neste momento. As normalidades que pouco a pouco começam a ser conquistadas pelo país, estão desenvolvendo à imprensa a dignidade de sua atividade livre, coerente e ética.

A imprensa no mundo (por incrível que pareça!) sempre foi dependente do sistema político. Não foi exceção com o Brasil. A Revolução de 64 castrou a iniciativa independente e atrelou o trabalho de informar ao sistema arbitrário da política que implantou a ditadura.

As câmaras foram cobertas, bocas fechadas e máquinas viciadas, cobrindo uma área importante para o movimento revolucionário. A censura cavalgou solta na época, forjando interesses e escondendo a verdade ao povo brasileiro. Os ditadores não usaram de meias palavras e saquearam, espoliaram e mataram quem não os atenderam. A questão, como diziam, era de segurança nacional.

E foi esse mesmo estigma da segurança nacional que levou o país a mergulhar mais profundamente no mar de lamas de inverdades e absurdos, e desaguar agora na crise das instituições, política, econômica e culminantemente social.

A época negra depois de 68 a 73 foi preenchida de fatos históricos e práticas abomináveis do regime, nunca encontrados em qualquer espaço da imprensa oficial. A censura política era intensa.

Depois dessa fase, de uma "forma lenta e gradual" (muito lenta, diga-se) foi descomprimindo a tampa da repres-

são e da violência. Em 77, apesar do "pacote de abril", o processo começou a se acelerar. A abertura de hoje é resultado desse processo. A democracia ainda é o objetivo.

O trabalho da imprensa, que tem sua importância aumentada na proporção da liberdade, começa agora a ocupar posições estratégicas de independência e coerência. Os grandes jornais, principalmente, do eixo Rio-São Paulo, iniciam o desligamento do cordão umbelical que os ligou ao Governo na fase da repressão.

O Governo, abrindo politicamente, deixando de utilizar o bastão besta e tacanho da censura, perde o arbítrio de decidir. A imprensa aproveitada, dentro do relativismo natural. O povo brasileiro ganha com isso, passando a conhecer a realidade nacional. O país se torna mais democrático.

É uma ação de único sentido: a liberdade, a denúncia, e a solução, a reparação do erro. Um país melhor e mais livre. Foi assim com diversos acontecimentos. A corrupção, a burocracia, são alguns e a violência, as arbitrariedades, exemplos. A imprensa serviu eticamente nesses casos. Deu ressonância e própria denúncia.

O alemão Gutemberg certamente não imaginou que seu invento servisse um dia de balizador, mas a imprensa afere a densidade democrática de um país. Nos Estados Unidos e na Inglaterra esse termômetro deve chegar a limites máximos.

No Brasil, ainda existe a censura. Não é mais uma censura política como a do

período crítico da revolução (apesar de existir alguns tratamentos coercitivos como a Lei de Segurança Nacional e a própria Lei de Imprensa). É uma censura nascida dentro das próprias redações, a censura dos empresários, a censura econômica, a autocensura.

E esta, por mais que queiram negar, é uma situação generalizada da, digamos, mídia imprensa, atingindo também a grande. As denúncias levantadas por muitos jornalistas são engavetadas não pela dureza de atingir politicamente o regime, mas porque objetivamente vão prejudicar futuramente o relacionamento da empresa jornalística com o anunciante. O anunciante muitas vezes é o próprio Governo. Esta autocensura sempre existiu, mas é pouco conhecida porque sempre esteve abafada pela censura política.

A autocensura, analiticamente, é até pior que a censura política. Com a censura política podia-se esbravejar pelo desimpedimento, pela liberdade; com a autocensura isso não é possível pelo grande poder de decisão do patrão e desorganização da classe dos jornalistas.

A imprensa alternativa também tem seus problemas de cerceamento da atividade. É uma censura esdrúxula, mas existe: a censura ideológica. É incontestável que os jornais alternativos tem clara linha ideológica, defendendo a direita ou a esquerda, o patrão ou o empregado.

Juntas, a mídia imprensa e a alterantiva, cobrem os dois flancos da verdade. Dificilmente um cobre os dois. No

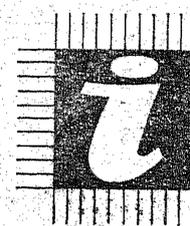
Estado de Santa Catarina, os considerados, aqui, grandes jornais, servem inevitavelmente (por uma questão de sobrevivência), aos interesses do Governo, abrindo espaços menores aos partidos oposicionistas. Os alternativos são todos de esquerda ou direita. Nas televisões e rádios, isso também acontece.

O fortalecimento dos órgãos de imprensa, de um lado, e a união da classe dos jornalistas, do outro, podem resolver essa tendência e limitação. O fortalecimento viria com uma natural independência financeira do Governo, que gasta milhões nesse esquema. A independência somente será possível com o aumento (1 por cento em Santa Catarina lê jornal). As vendas somente aumentarão quando o povo tiver se conscientizado da importância da informação e cultura.

A organização dos jornalistas também é importante. Nos países democráticos, os jornalistas constituem uma classe forte. No Brasil, a organização profissional uma aberração é total, e a desvalorização. Muitos jornalistas despreparados ganham pouco e subornam a verdade por menos ainda. O povo perde com isso.

Seria necessário, primeiro uma união da classe buscando a valorização profissional e a independência de idéias. Depois, com o fortalecimento da instituição (a imprensa), exercer eticamente o trabalho de informar desapaixonadamente a verdade. (por Aniceto Luiz Mund).

**Estudante.  
Crie, ouse, renove, construa.**



TOALHAS  
indaial

# Compromisso com a verdade

(Danilo Gomes)

O jornalismo, como qualquer profissão, depende muito da capacidade e "modus operandi" dos profissionais que atuam no setor. O jornalista que se propor, a exemplo de um médico clínico geral, escrever sobre todos os assuntos, fatalmente estará colocando em risco o crédito de sua pena.

Um fator que sempre confundiu, e em alguns casos até prejudica o desempenho da função jornalística, é a preocupação da comunidade, com

o que se convencionou chamar de "grau de comprometimento do profissional", o que erroneamente é extraído em relação ao veículo ou entidade a que serve.

Ora, assim como o médico pode clinicar para o INPS, UNIMED, IPESC e outros, sem outro compromisso que não com o seu cliente, poderá também o jornalista prestar serviços a um ou mais veículos, sem que por isso esteja com sua opinião comprometida, resguardado contudo o compromisso ético.

Cabe aqui contudo, considerar certos aspectos do jornalismo, praticado principalmente no interior, onde encontramos o jornalista repórter, que só elabora a notícia, baseado na indispensável "pauta"; o jornalista articulista; o jornalista poeta e o poeta jornalista, cada um deles com peculiaridades específicas, que os colocam em acordo ou não com os conceitos aqui emitidos.

Na verdade, todos, independente da característica cita-

da, em conjunto, tem sido os responsáveis pelas grandes conquistas da imprensa nos últimos tempos, cuja liberdade, embora tida como ampla, ainda é bem restrita.

Voltaremos ao assunto, para falar de como estamos preparando a luta pela valorização profissional do jornalista, tema muito em voga no momento, quando os profissionais de outras áreas igualmente buscam a consolidação dos ideais classistas, através da criação de associações regionais específicas.

## O lugar da crítica

(Norton de Azambuja)

Numa sociedade que evolui, a informação se sofisticava e de puro, de simples receptor, o leitor, o ouvinte, o espectador, passa a ter interesse maior nos fatos que o rodeiam, no mundo que a tecnologia transformou em aldeia global. Com uma enxurrada de informações ditas neutras, o receptor, perde a capacidade diante do volume de tantas e diversas ocorrências de interpretar adequadamente a dinâmica dos eventos. Daí, a necessidade cada vez maior de uma crítica vigilante em termos de jornalismo. Um mau livro, diante de uma boa campanha publicitária pode induzir o consumidor a comprá-lo e até, dependendo da sofisticação da mensagem inserida, fazer com que aquele que o adquiriu, o considere bom.

Apesar do relativismo do conceito bom e mau, pode-se à grosso modo traçar parâmetros entre escritores e escrevinhadores. Entre pintores e manejadores de pincel entre filmes e películas de celulíde. Cumpre assim, à imprensa um papel crítico, questionando fatos, discutindo declarações e não apenas servindo de portador inocente, inconsequente aos mais sinistros propósitos e as mais macabras figuras do cenário nacional.

No papel cultural, cabe à ela, estabelecer criteriosamente, eticamente conceitos que possam auxiliar o cidadão co-

mum em suas avaliações sobre o tema.

No campo político, ainda há um papel mais profundo, mais responsável, qual seja o de conscientizar, de levantar denúncias e de desmistificar vultos que muitas vezes os próprios veículos de comunicação, de boa ou má fé promovem à exaustão. Isto leva o ingênuo a acreditar que determinada figura é de uma excelente postura pois suas declarações são veiculadas a tal órgão. Nada mais temerário! Daí, a necessidade constante, contínua, de ao lado das declarações oficiais, exercer-se o direito e o dever da crítica. Crítica esta isenta, sempre feita dentro dos mais nobres princípios éticos.

Se isto é totalmente viável, só o futuro dirá! No entanto, cumpre exercer-se constantemente esta tarefa pois isto nada mais é, do que o caminho legítimo para uma democracia que ainda não temos, mas ardentemente queremos!

Nenhuma censura é mais eficaz do que a crítica. Crítica esta que pressupõe direitos do criticado também ocupar espaço e argumentar. Onde a razão impera, caminha-se para o desenvolvimento. Onde impera a intolerância, a censura, o medo, o comprometimento com coisas estranhas e benefícios materiais, realmente lá, distanciam-se da missão correta da imprensa, que além de informar precisa conscientizar, formar!

## Um breve recado

(Gervásio Tessaleno Luz)

Por telefone, o recado. OIdemar Olsen quer um texto, duas laudas, espaço dois, um depoimento sobre a função didática da Imprensa (com maiúscula) nos dias de hoje — formar e informar.

Texto acadêmico, nem sonhar. Assim vai no dedilhar da intemorata semiportátil.

Jornal que informa, tão todos aí. Os que formam, aí a quimera, "que se esfuma como a brancura da espuma que se desmancha na areia".

"O verdadeiro escritor é o jornalista", afirmou alguém famoso. Talvez Bernard Shaw. Soa pretensão e exagero. O aval fica para o Paulo Mendes Campos. Ele não acredita no escritor que não sabe escrever uma notícia para jornal.

Nos 17 anos de militância na imprensa local (o que pode parecer, à primeira vista, pura prosa), chegamos a algumas conclusões:

— Entrevistados por Maria Odete Onório Olsen pro "Jornal das Sete", Coligado, na condição de pioneiros da imprensa alternativa no Vale do Itajaí (pura surpresa! — fundamos "O Opinião" em 1965), declaramos, talvez apressadamente e de supetão que, no momento, ela não está com nada!

— Razões para a resposta: Tínhamos em mente os bons tempos da "Verdade", do "Combate", da "Ronda", da "Vanguarda" e porque não dizer dos "Bastidores", todos nanicos de longa e curta duração, com participação direta ou indireta do pai-de-santo Paulo Jacques.

— Neles se escrevia com um dedodurismo incrível, na base da "coluna é minha", o resto do jornal é do proprietário. Dane-se ele! Letra de samba, àquela época, não valia, não influenciava as pessoas, ninguém se guiava por elas. Inexistia o "não falem mal dessa mulher perto de mim". Todo mundo virava notícia.

Revisando o parecer, citaremos três alternativas aceitáveis no momento: este ("O Acadêmico", "Blumenau-Hoje" e "A Gazeta do Vale").

— Damos, à maneira de Vinícius, os trâmites por findos. Afinal a eletrola pifou. No exato momento em que o Lupiscínio Rodrigues rouquejava:

— "Esses moços, pobres moços

Ah!, se soubessem o que eu sei!

Só o que eu peço:  
— Que acreditem em mim"...

# Um papel de integração



Roberto Diniz Saut

O dia a dia nosso é atacado desde o amanhecer até o tempo que nos resta, antes que venhamos a cair nos braços de Morfeu, por milhares de informações: desde o recado até a leitura de um jornal. E esta difusão maciça de informações escritas vem a constituir o Jornalismo, a Imprensa como muitos pretendem denominar, melhor ainda a Imprensa Escrita. E esta é fundamental, ao lado das variantes existentes: rádio, televisão, cinema. É fundamental porque o leitor se aquietou no seu recanto psíquico e ambiental para absorver linha por linha, palavra por palavra, pensamento por pensamento. E a leitura do jornal, seja em forma de comentário, seja em forma de

notícia, apenas, vai penetrando no nosso inconsciente como terra, que absorve aos poucos a água da chuva. E nos dias hodiernos em que a multiplicidade de exemplares rodam em poucas horas todos os recantos do País, penetrando nas diversas camadas sociais, a Imprensa Escrita deixa suas raízes e se torna palco de debates e muitas vezes de retomadas de decisões, de reflexão sobre situações, podendo até inverter certos processos sociais, políticos, econômicos, religiosos, culturais, científicos e educacionais.

Acredito que, na era em que vivemos, a Imprensa constitui dois pólos importantes: o pólo dirigido a si própria como fator de lucro e o pólo de central de informações, passando a ser neste sentido um pólo de integração... e integração aqui, numa abrangência apenas do seu amplo sentido: comunidade visualizada como fator de desenvolvimento.

Este aspecto da integração pela Imprensa interessa. A Imprensa considerando a comunidade como obrigada a

ter seu desenvolvimento equilibrado. E neste ponto merece a Imprensa uma atenção enorme. Ela pode ser o cerne de denúncias das incoerências, dos desequilíbrios econômicos, político e social da comunidade. Este desequilíbrio é gerado de diversas causas, que se enfocadas pela Imprensa de forma coerente podem ser detectadas, analisadas e projetadas para uma solução como bloqueio das graves consequências. E quem dá este alerta? Governo? Associações? População? Possível, mas através de quem e com que forma? Através da Imprensa e da forma que os responsáveis da Imprensa acham que devem dar. Imprensa marron pode ser uma das variantes até desagradáveis desse processo. O sensacionalismo que procura a emoção, e que muitas vezes leva a um efeito contraproducente ao nível do que realmente merece a comunidade. A verdade, os fatos baseados, a notícia sem medo, a reportagem descomprometida, o espírito um pouco desligado do comprometimento com a censura comercial, são tônicas que convergem, além de outros pontos, para um

encontro entre comunidade e Imprensa.

Em resumo, não podemos atualmente conceber uma Imprensa que não esteja voltada ao desenvolvimento de uma comunidade. E desenvolvimento não se faz apenas com elogios, desenvolvimento se faz também com denúncias, com reformulações de planos, com empenho de acertar.

A Imprensa deve estar perfeitamente inserida num contexto real, mesmo que recebendo influências e pressões, mesmo que confirmando a presença de interesses que pressionam sua máquina escrita, mesmo assim ela deve lutar para que seja porta-voz do interesse geral. É difícil, sabemos, dado o cunho altamente comercial que os jornais sofrem, mas sua tendência, o mais que possível, deve ser de integração ao desenvolvimento da comunidade.

O processo de pressão às vezes pode ser invertido. Não só as forças econômicas, política e social constituem pressões. Imprensa também é pressão... pressão para o bem da comunidade.

## Espaço para cultura

(Vilson do Nascimento)

Ao contrário do que se apregoa, a imprensa, especificamente a escrita, continua cedendo espaço às manifestações culturais de caráter artístico. Comum ver-se nos órgãos nacionais e estaduais, páginas e cadernos inteiramente dedicados às artes e à educação.

Claro que com a prolifera-

ção de editoras, facilitando a impressão de livros (ficção e poesia) estreitou-se o espaço reservado àquelas publicações. Em contrapartida aumentou o espaço subscrito por críticos, comentaristas e ensaístas especializados em arte. Desconheço jornais que não possuam colunistas escrevendo sobre literatura, artes plásti-

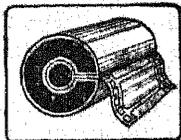
cas, cinema, teatro, etc.

Publicando matéria artística de cunho opinativo/formativo o jornal estará atingindo uma de suas metas prioritárias: a formação e amoldamento humanísticos do leitor. E imprimindo maior rigor e criatividade à linguagem jornalística.

Convém ressaltar ainda que

nem todos os jornais deixaram de inserir LITERATURA em suas páginas. Ainda existe lugar para a prosa e o verso. O JORNAL DE SANTA CATARINA é um deles. Basta que os trabalhos tenham bom nível literário.

VILSON DO NASCIMENTO Poeta, contista e comentarista de arte.

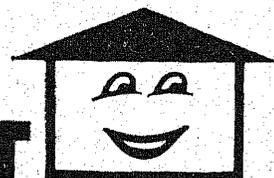


## Cine Foto CARLOS

Câmaras - Filmes - Projetores - Revelações a Cores  
Fotos p/Documentos, Casamentos Etc...

Rua Curt Hering, 320 — Loja 3 — Caixa Postal, 1467 — Fone 22-4333  
Em frente ao Correio — 89100-BLUMENAU — SANTA CATARINA

## PROBST



Estudante!  
Crie,ouse,renove,construa.

**LIVROS**

MOVIMENTO EDITORIAL

EDITORA PIONEIRA

**Prática da Administração de Empresas**

Peter F. Drucker

Peter Drucker é considerado o papa da administração e nesta obra consegue realizar a extraordinária tarefa de atingir o interesse de um amplo número de leitores sem sacrificar a precisão científica e a profundidade das análises. Leitura indispensável para empresários, executivos e estudantes.

**Interpretação Psicológica de Desenhos**

Odete Lourenção Van Kolck

A autora apresenta nesta obra, três estudos (estritamente interligados) de especial interesse para todos aqueles que se preocupam em compreender a problemática da personalidade humana.

**A Elaboração de Manuais na Empresa**

Rudolfo Popper

Nova edição, atualizada e ampliada. Obra que obteve ampla aceitação nos meios universitários e empresariais, com base em diversos fatores, sobretudo a qualidade, aplicação prática do conteúdo e a inexistência de qualquer similar na bibliografia nacional.

**EDITORA FREITAS BASTOS  
Comércio Exterior e Contrato de Câmbio de Exportação**

Fernando G. M. Cavalcanti

No momento em que o Brasil envida todos os seus esforços para consolidar e ampliar a sua participação nas correntes de comércio internacional, evidencia-se a carência de obras que esclareçam a mecânica do comércio exterior. E, portanto, de maior importância este trabalho, contendo subsídios valiosos para advogados, estudantes, juizes e bancários.

**Curso Básico de Eletrônica**  
Aitan Póvoas Ferreira

Um livro moderno para o ensino de eletrônica nas escolas técnicas e cursos profissionalizantes, e que interessará

também, sem dúvida, a todos que se dedicam a este campo da ciência.

EDITORA CAMPUS

**A Primeira Entrevista em Psicanálise**

Maud Mannoni

Livro apaixonante que contém o testemunho de uma longa série de experiências psicanalíticas e introduz o leitor, de maneira vibrante, em enorme documentação clínica. Traz respostas para muitas questões sobre as quais costuma-se calar.

**A Comunicação em Psicanálise**

David Liberman

Desenvolve-se, inicialmente, a possível inserção de uma teoria da comunicação humana no interior do processo psicanalítico, para distinguir mais adiante, diferentes modelos estilísticos de interação comunicativa na relação transferencial. Livro obrigatório e excelente texto para estudantes e professores de Psicologia, Psicanálise.

**Psicodrama Analítico**

Didier Anzieu

Propõe, na teoria e na prática, uma síntese do psicodrama e da psicanálise. O autor apresenta com clareza e rigor a teoria que fundamenta o psicodrama analítico, sua história e seus desenvolvimentos.

**O Caso Schreber**

William G. Niederland

Um fantástico caso psiquiátrico. Daniel P. Schreber, acometido de grave doença mental, passou a imaginar que Deus o transformara em mulher... Freud analisou esses dados em um de seus mais criativos trabalhos. Neste livro, o Dr. Niederland, que estudou o caso por mais de vinte anos, reúne os seus resultados e o significado de suas investigações.

EDITORA FORENSE

**Prática Processual Civil e Comercial**

Milton Menezes da Costa

O autor sintetiza tudo aquilo que conseguiu aprender durante 40 anos vividos na profissão advocatícia, com relação ao processo civil. Um trabalho que muito auxiliará aos novos advogados por seus ensinamentos jurisprudenciais sobre importantes teses.

O autor imprimiu neste trabalho um sentido, essencialmente prático e, conseqüentemente, útil. Obra Didática e serve de auxílio a Juizes, Advogados, Professores, Estudantes e a todos que lidam com os problemas do processo civil.

**Comentários ao Código Penal**

Vol. VIII — Nelson Hungria, Romão Côrtes de Lacerda e Heleno Fragoso

Neste volume estão compreendidos os artigos de nº 197 a 249. Os artigos de 197 a 234 (títulos IV, V e VI) que são, respectivamente, Dos crimes Contra a Organização do Trabalho; Dos Crimes Contra a Organização do Trabalho; Dos Crimes Contra o Sentimento Religioso e Contra o Respeito aos Mortos. Dos Crimes Contra os Costumes são comentados pelo Prof. Nelson Hungria. Dos Crimes Contra a Família tem os seus comentários pelo Desembargador Romão C. de Lacerda. A última parte do livro fica com Heleno Fragoso que fala das alterações legislativas recentes, atualizando este volume.

EDITORA NÓRDICA

**Todo Homem é Minha Caça**

Millor Fernandes

Obra em que o maior humorista brasileiro esquadriha o Ser Humano em todos os aspectos possíveis e imagináveis — filosófico, social, político, estético, lingüístico, biológico, anatômico, cômico, analiticologicomístico, etc. Como se diz no jogo do bicho "cercou pelos sete lados". Um mergulho de aqualouco neste, como o próprio Millôr definiu, "animal inviável", no qual ele tem a maior fé.

**Cura Pelo Poder da Mente**

Richard Shames e Chuck Sterin

É um livro que procura desenvolver a hipnose e a auto-hipnose aprofundando o seu uso e difundindo sua prática. A hipnose é um poderoso instrumento para se alcançar a saúde e o bem estar. Conhecida e utilizada há vários séculos, nas mais diversificadas culturas. O século XX, com seu enorme avanço nas pesquisas relacionadas com a mente humana, possibilitou uma "reabilitação" desta ciência.

**História de Joana Transexual**

Catherine Rihoit e Jeanne Nolais

Uma nova série lançada pela Editora Nórdica (série prateada) que através de depoimentos e autobiografias, aborda problemas fundamentais do mundo atual, como, por exemplo, a posição da mulher na sociedade de hoje.

A obra conta a história de um menino (Maurício Nolais). Mas, ao crescer, sentia-se mulher. Um ser feminino num envólucro masculino. O livro conta todo o dilema em se assumir uma nova identidade.

EDITORA LUNARDELLI

**A Imprensa em Debate**

Moacir Pereira

Livro contendo uma série de entrevistas com personalidades brasileiras ligadas à imprensa: jornalistas e escritores em contundentes depoimentos falam da censura, arbítrio e outras manipulações do sistema para tentar dominar a comunicação brasileira — notadamente, a escrita.

Moacir Pereira com perguntas abrangentes, consegue desnudar o mistério que envolve nomes como: Alberto Dines e Hélio Fernandes (ameaçados e carceados no direito elementar de perseguir a verdade). Assim, o livro vem contribuir como um documentário honesto e imprescindível para qualquer elemento que lute pelo restabelecimento do estado de direito no Brasil.

EDITORA GLOBAL

**Lamarca — O Capitão da Guerrilha**

Diversos autores

Conta de maneira pouco emotiva mas muito sincera a curta carreira de um soldado idealista buscando melhores dias para o seu país. O Capitão Carlos Lamarca e seus outros companheiros perseguidos e encurralados pelas forças da repressão no Vale da Ribeira. As injustiças, as torturas e outros processos utilizados por alguns elementos do exército. Livro envolvente que só termina com o assassinato a sangue frio do comandante da guerrilha Lamarca e seu leal amigo Zéquinha. Outro lançamento polêmico da Editora Global.



# Oldemar Olsen Jr.

## Algumas idéias a respeito da sucessão no DCE

"Existem momentos históricos em que a menção do "EU" (primeira pessoa do singular) é imprescindível, o reestabelecimento da verdade, por exemplo, constitui-se um deles, por isso, permitimo-nos estas citações".

"Eu consegui as eleições diretas para Presidente do Diretório Central dos Estudantes".

"Hoje, qualquer elemento regularmente matriculado pode ser candidato a presidência".

"Um bom candidato deve ser algo mais que honesto e bem intencionado, ele deve ter iniciativa, ser dinâmico, saber o que deve ser feito e fazê-lo".

"Todo elemento comprometido com ideologias do tipo político-partidária ou mesmo com esquemas alheios ao que ele lidera, torna-se dependente e, portanto, incapaz da coerência".

"não guardo rancor de meus adversários, existem sempre momentos de transigir e momentos de se admitir erros, o que me ressinto, realmente, é que eles combatem a pessoa e não as idéias de Oldemar Olsen Jr."

"Gostaria que este ano, houvessem — pelo menos quatro chapas concorrendo ao Diretório Central dos Estudantes".

"Uma campanha aberta, uma disputa leal, seria no mi-

nimo o grande exemplo que o universitário poderia dar".

"O indivíduo deve estar preparado para assumir, isso, sem uma experiência anterior (em reivindicações do tipo coletiva) é impossível".

"Diga-se o que quiser, mas ninguém pode ignorar o meu passado de estudante militante das chamadas "causas inglorias", reivindicando, brigando sempre pelo restabelecimento do estado de direito, denunciando as fraudes, mostrando as injustiças até o mais amargo fim".

"Fui exonerado da FURB quando o professor Tafner assumiu, por causa de minhas idéias; pedi demissão da Folha de Blumenau, por questão de princípios e, hoje podem acusar-me de personalista ou de cínico, mas nunca de alienado ou incoerente".

"Nunca creditei ao meu emprego maior importância que as minhas idéias".

"Digo o que penso e penso no que digo, por isso sou previsível... o que não tolero é a alienação, a passividade e o conformismo".

"Detesto mesmo, este: Deixa estar para ver como é que fica".

"Não tenho o rabo-preso com ninguém, por isso sou livre para fazer a minha crítica a quem quer que seja que ocupe um posto sem ter condições para tal, dos intocáveis na FURB aos apadrinhados do governo".

"O universitário tem memória, por isso acredito numa eleição muito competitiva, independente da aquiescência dos demagogos e pretensos populistas".

"Demorei sete anos para conseguir a eleição direta para o DCE".

"Nunca ocupei um posto em que detivesse o poder da decisão final, por isso muitos erros se repetiram ad nauseam".

"Na época em que eu fazia o curso de Engenharia Civil, fui cortado, sistematicamente (todos os anos), da cabeça das chapas que organizava... o último ano então, foi vexatório, me cortaram um dia antes das eleições, mas nós vencemos, aliás, em sete anos de engenharia, perdemos apenas uma eleição".

"Neste período que estamos as voltas com as lides estudantis, não existe nada em termos de promoção, que já não tenhamos feito, a exceção, evidentemente, da Casa do Estudante, que é meta para este ano da atual gestão do DCE".

"Participei de diversos encontros de estudantes, tanto a nível estadual como a nível nacional (antes e depois da anistia)... e aprendi o suficiente para saber que não é numa reunião destas que se resolverão qualquer problema de interesse da nação".

"Nunca esperei que as coisas acontecessem, ao contrário, criei condições para elas acontecer... num estilo mais ou menos lacerdiano, convicto de que é preferível uma teoria — mesmo errada, porque leva a comprovação ou a rejeição do que a alienação, que é sempre a face confusa de uma consciência ignorante".

"Não sou daqueles que fazem parte de esquemas, sou dos que fazem esquemas".

"Jamais aceitaria fazer par-

te de um Diretório Central imbecil".

"Um presidente não deveria se auto-protger da crítica centralizando o poder, mas sim, dividindo o poder diluindo a crítica".

"Existe nos diretórios um grande individualismo — nada construtivo — cada um prefere viver com seus próprios temores... destilando um "veneninho" nas mesas da cantina sem coragem para uma discussão a nível de idéias, de planos ou mesmo, de realizações".

"A melhor maneira de transformar a realidade é denunciar suas injustiças, mesmo correndo o risco de ser um outro Don Quixote sem perspectivas sociais mas, pelo menos, com um lugar assegurado na história".

"No jogo de xadrez da política universitária, estou sacrificando alguns peões na ala da Dama para realizar uma partida brilhante. Prefiro a beleza e a arte da técnica (desenvolvida conscientemente) a surpresa de uma vitória ou derrota causuística que origina sempre uma posição desconfortável".

"Muitas vezes, as pessoas me devotam um ódio gratuito porque vivo cobrando posições e os conformistas não admitem ser perturbados nem mesmo, com a possibilidade de novos horizontes".

"O que propomos é um DCE aberto, dirigido por um Conselho de Estudantes, em que haja participação maciça do aluno matriculado na Instituição e que o estudante assim inbuído, ponha sempre a necessidade coletiva acima de interesses individuais... Isso basta, para começar".



## FININVEST

FININVEST ESPECIAL

COM ELE VOCE COMPRA A VISTA E PAGA A PRAZO.

Para adquirir o FININVEST ESPECIAL você não paga nenhuma despesa, faça o seu.

Rua Nereu Ramos, 43 — Blumenau - SC — Fone: (0473) 22-0868

## KING'S

MARCAS E PATENTES

Agência Oficial de propriedade Industrial

89100 - BLUMENAU - S.C.

\* QUEM NÃO REGISTRA NÃO É DONO \*

Rua 15 de Nov. 600 - Sede Própria  
Cx. P. 576 - Fone (0473) - 22-5595